

# ESCRITAS : MANIFESTOS

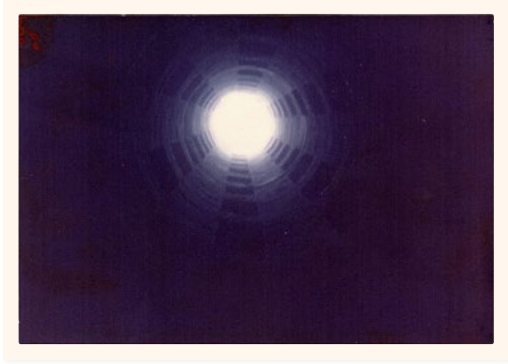
## SORTE

ANTONIA GAETA

CADERNO N.º 12

# **SORTE**

ANTONIA GAETA



Arquivo Antonia Gaeta  
Cortesia da autora

Venho falar-vos de sorte. Vou fazê-lo através do meu percurso de trabalho e do meu percurso de vida pessoal também. Vou ler-vos bastante e dar-me a conhecer através de textos que escrevi para exposições e para outros artistas, para curadorias, para revistas, entre outros.

“Dizem que os italianos estão imunes à síndrome de Stendhal porque acostumados desde tenra idade a estar rodeados pela beleza. Quando era “minúscula”, o meu sonho era trabalhar numa bomba de gasolina. Aos quatro anos queria ter uma loja de ferragens. Aos cinco, num périplo com os meus pais e irmãos pela Umbria e Toscana, estava aberta para novas aventuras.

Em Orvieto, visitámos o Pozzo di San Patrizio. Tirei uma fotografia do lugar, com uma máquina *Agfomatic 2008 pocket* que a minha mãe me tinha dado de presente nos meus anos. Esta foto esteve no meu quarto, em cima da secretária, durante a escola primária, o ciclo e o liceu. Logo a seguir, passámos por Siena onde vi, pela primeira vez, a *Maestà (Madonna in Trono)* de Duccio

---

1 Nota dos editores: O texto “Sorte” resulta da transcrição da gravação sonora da aula aberta de Antonia Gaeta, concretizada na ESAD.CR-IPL a 04/11/2025, pelo que se optou por conservar, tanto quanto possível, os vestígios da oralidade.

di Buoninsegna. Comecei a chorar sem aparente explicação. Um ou dois anos mais tarde, numa viagem com a escola em Roma, visitei o *Ara Pacis*. Tive de me encostar na velha estrutura de alumínio dourado que protegia o monumento para não cair ao chão.

Em 1989, a minha mãe levou-nos a conhecer Paris. Eu sonhava com ver a *Mona Lisa*, a *Gioconda*, mas lembro-me muito bem de ter ficado decepcionada com a escala, pois imaginava algo majestosamente grande e imponente. No final da tarde deste mesmo dia, fomos arrastados para o Pompidou. A exposição patente no museu era *Magiciens de la Terre*. Não fazia a menor ideia do que estava a ver, mas alguma coisa tinha mudado. No avião comuniquei à minha mãe que não iria ser artista mas que, ainda não sabendo bem como, iria trabalhar com arte.”

Antonia Gaeta in *Uma Breve História da Curadoria*, ed. Sara & André, Documenta, 2019



Arquivo Antonia Gaeta  
Cortesia da autora

“Cresci em Guardiagrele, uma aldeia aos pés da Maiella, em Abruzzo. Antigamente era conhecida com o nome de *Ælion*, por ser uma localidade de culto dedicada ao deus sol. O nome actual deriva da evolução do topónimo sob as sucessivas ocupações do território: *Grælis* em latim, *Grele* na língua corrente que com a junção da palavra *warda*, de origem longobarda, chegou a dar a denominação actual.

Desde que tenho memória de mim, lembro-me de ter curiosidade pela proveniência das coisas, pela rotatividade das culturas, pelas evidências de *miscelanização* de palavras e de objectos, pela distância entre os degraus dos lances de escada e *via dicendo*. Se alguma coisa me interessa sigo calmamente o seu rastro sem pressa e com despistes preciosos pelo meio.”

Antonia Gaeta in “Entrevista a Antonia Gaeta”, *Contemporânea*, 2021

Venho, então, falar-vos de sorte, fortuna, acaso, oportunidade. “Sorte” vem do latim *sors*, que significa parte, porção, referindo-se ao que cabe a cada pessoa, seja por destino ou sorteio.

A sorte aparece na minha vida profissional e pessoal como um elemento em tensão: não é um mero acaso, mas a condição em que se conjugam contexto, preparação, atenção e risco, alicerçados numa atitude de escuta e curiosidade. De modo que eu, *com sorte*, seja capaz de percorrer caminhos novos.

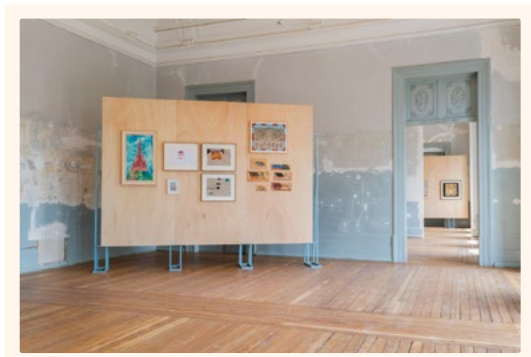
O convite para estar hoje, aqui, convosco, levou-me a refletir e, conseqüentemente, a tentar estruturar alguma coisa que até agora teria, humildemente, definido como inata. E como gosto muito de cozinhar, convidei amigos a jantarem em casa e comecei a perguntar e a perceber — através de meias respostas e de algumas pistas — quais os aspetos mais ou menos pertinentes e próximos da sorte em mim. Recorri também à minha família... A minha sobrinha, de treze anos, disse-me: Pergunta ao ChatGPT. E foi o que fiz.

A máquina respondeu. Falou de *timing* e de *oportunidade* — disse que eu escolho, ou melhor, construo o momento certo para uma exposição. Que o acaso, o meu, é um alinhamento: artistas, obras, instituições, público, disponibilidade e desejo. Falou da exposição *Arquitectura Visionária* (Lisboa, 2019) e de como ali, entre a arte bruta e a utopia, se vislumbrava essa *sorte construída*, uma fortuna feita de preparação e de escuta.

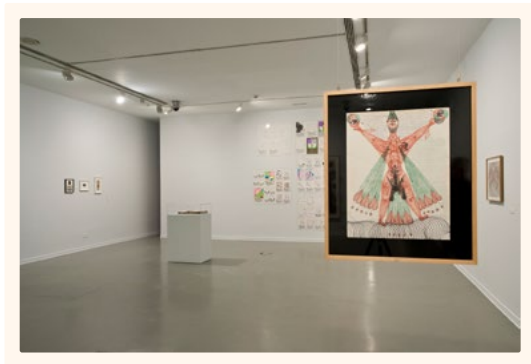
Depois, mencionou algo que me tocou: a curadoria como mediação entre o visível e o invisível. Disse que procuro revelar o que está “entre os espaços” — artistas marginalizados, práticas excêntricas, vozes oblíquas. E que a sorte, nesse contexto, seria a capacidade de perceber o invisível, de ouvir o não-dito e transformá-lo em presença. Também falou de redes — de afinidades pessoais e profissionais —, lembrando que a fortuna, como os mitos antigos, vive de ligações, de pontes, de constelações humanas. E que, talvez por isso, eu tenha uma predileção pelas coleções privadas, pelos lugares onde o íntimo e o público se confundem, onde a partilha é também um risco.

Falou de voz própria, de reflexão crítica, de um modo de *curar* que interroga mais do que exhibe. E por fim, falou de risco — de que a sorte se manifesta quando alguém se permite mudar de paradigma, abrir espaço a formatos híbridos, acolher o imprevisto.

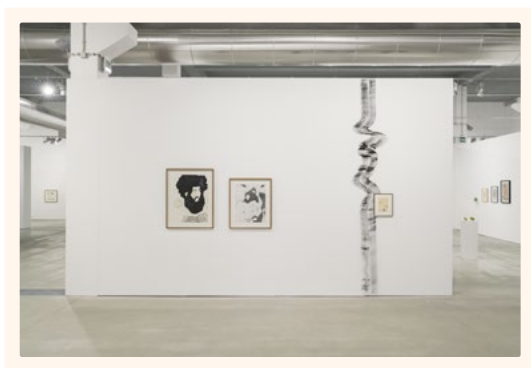
E eu, ao ler tudo isto, pensei: “talvez tenha mesmo sorte”. Aquela sorte que é consequência do fazer com atenção, por tentativa, corrigindo sempre.



Vista da exposição  
*Arquitectura Visionária*,  
Trienal de Arquitectura  
de Lisboa, 2019  
Foto por Joana Hintze  
Cortesía da autora



Vista da exposição  
*El ojo eléctrico*,  
La Casa Encendida, 2019  
Cortesía da autora



Vista da exposição  
*Extravaganza*, Centro  
de Arte Oliva, 2019  
Foto por Dinis Santos  
Cortesía da autora

“Mi espíritu guía se llama Athena Nerone Maria. Es un gato que habita en Várzea de Sintra, desde donde me trae la voz de los muertos, visiones, alucinaciones oníricas, mensajes... Cuando viene a verme a casa, las mesas ruedan, saltan y se desplazan de un lado a otro de la habitación; la misma en la que estoy ahora.

Éstas fueron sus palabras la primera vez que se me apareció:

*Hola. Soy Athena Nerone Maria, tu gato y espíritu guía. Aún no lo sabes, pero soy la reencarnación de tu corazón, ése que falleció el año pasado y que, al ser tan persistente, está aquí, hoy, para hablar de la vida, del amor, del arte, de la parte creativa que continúa viva. Morí (tu corazón, como te acabo de decir) en circunstancias absolutamente nefastas, tras mentiras y esquemas poco respetuosos, avarientos de venganza. Fue una emboscada preparada con astucia y silencio. Un golpe seco. Un solo golpe, ¡pero mortal! No debes temer nada, porque estoy a tu lado.*

Un día Athena Nerone Maria me dijo:

*Todo el conocimiento no es de los sentidos, ni del intelecto, ni del corazón, sino que pertenece exclusivamente al aspecto más profundo de tu ser. El conocimiento de tu espíritu te ayudará a preparar el camino para un enigmático viaje de ida y vuelta entre varias dimensiones, o entre una realidad visible y otra invisible, a través de mensajes encriptadas y de las estructuras cosmológicas como soporte de realidades y mundos dispares, muchas veces deliberadamente oscuros y de complicada iconografía.”*

Antonia Gaeta in "La Constelación del Despertar",  
*El ojo eléctrico*, La Casa Encendida, 2019

A pandemia foi muito importante para mim, como uma bênção. Comecei a viajar muito menos e a destruir tudo aquilo que tinha em casa, literalmente. E fui estudar marcenaria na Fundação Ricardo Espírito Santo. Foram dois anos intensivos, mesmo com aulas online. Quando o confinamento abriu um pouco, tivemos aulas práticas nas oficinas. E então comecei a trabalhar imenso — tinha oficinas das nove às seis da tarde, todos os dias, de segunda a sexta-feira. Dediquei-me de corpo e alma à madeira.

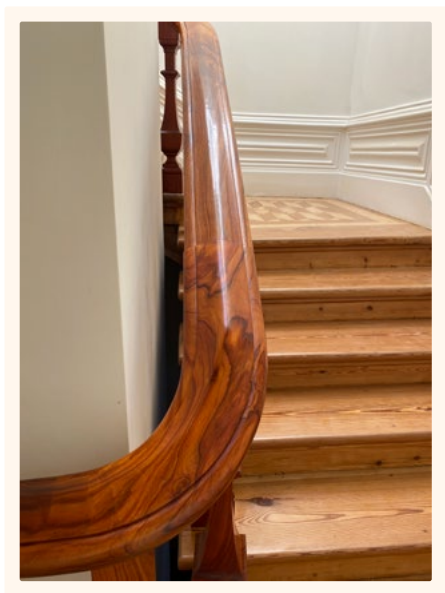
Mas porquê? Porque sempre tive uma grande frustração com o mobiliário expositivo. Quando, enquanto curadora, pedia algo um pouco diferente, os carpinteiros, sobretudo eles, mas também os técnicos de museu, diziam que não se podia fazer. Esta é uma resposta que não me satisfaz, nunca me satisfaz. Pensei que talvez fosse do meu sotaque, algo que dizia mal, por não saber os termos certos, não sei. Decidi aprender a fazer para depois mandar fazer.

Tive a sorte de me aplicar muito, de levar aquilo muito a sério. E comecei a fazer imenso. Posso ser muitas coisas. Esta também sou eu. Divirto-me muito.



Arquivo Antonia Gaeta  
Cortesia da autora

Tudo é feito à mão. Só encaixes e cola, não uso mais nada. Este é um restauro de uma escadaria em *pau-rosa*. Foi tudo lixado à mão, teve dezoito demãos de goma-laca — brilha. Organizei um grupo, abri uma empresa, formei um coletivo de colegas da escola e trabalhamos juntos em grandes empreitadas. Só faço novo quando é encomendado.



Arquivo Antonia Gaeta  
Cortesia da autora

Esta é uma base das obras do Francisco Tropa. É pela minha proximidade com a curadoria que também estou muito próxima e a trabalhar para os artistas, porque agora sei como fazer.

O meu avô é matéria recorrente das minhas histórias. Cresci muito chegada aos meus avós e ao meu avô, em particular, que ficou cego, o que foi uma grande sorte para mim, não para ele.



Arquivo Antonia Gaeta  
Cortesias da autora

“O meu avô perdeu gradualmente a vista. Quando eu tinha seis anos ele ficou cego — cego a noventa por cento — e decidiu que, entre todos os netos, eu seria a indicada para ser os olhos dele. Para o ajudar com as palavras cruzadas, para ler os livros quando não os conseguia encontrar em áudio cassete, para descrever as obras dos museus, partes de filmes, mas sobretudo para ir à rua e relatar os ambientes, eu passei a ser os seus olhos.

Esta prática desenvolvida em tão tenra idade criou um hábito que ainda hoje mantenho no meu trabalho de curadora: olhar para depois narrar, ouvir para poder reproduzir, absorver para conseguir reformular. O meu avô sentava-se sempre na mesma cadeira em frente a uma grande janela que olhava para a *Majella* irradiada de luz e dizia-me: cada vez que vou a Veneza e entro na igreja de São Marcos, imagino que é a última, e dela me despeço com a melancolia das separações definitivas. Ele gostava de ficar sentado em silêncio a contemplar a beleza.”

Antonia Gaeta in “Objectos”, Porto Design Bienal, 2021



Arquivo Antonia Gaeta  
Cortesia da autora

Estes são ex-votos. A minha aproximação ao corpo humano sempre foi através de pedaços de estátuas em Itália. Sempre imaginei que o corpo humano fosse uma espécie de puzzle, de composição. Então comecei também a fazê-lo em madeira, através de uma série de pequenos objetos, feitos à mão, que são línguas e que têm a ver com *húbris*.

No liceu, estudei latim e grego antigo quotidianamente. Tinha de fazer traduções todos os dias. Para mim, a etimologia das palavras é super importante, tal como alguns conceitos que perduram, que se transformam. No contemporâneo, estamos cheios deles, só não sabemos a sua proveniência. Esta é uma palavra que eu adoro — *húbris* — que, em italiano, se traduz como *tracotanza*, arrogância. É aquilo de ter *tento na língua*, de ter cuidado como se usa a língua.

Comecei, portanto, a fazer uma série de línguas em várias madeiras, com esta textura das papilas gustativas e acabamento com goma-laca. É um objeto muito apelativo, mas pode ser outras coisas.

“*Cangiante* é uma palavra italiana que vem do latim tardio *cambiare*, mudar. Alterar, passar por uma mudança, transformar-se. *Cangiante* é um tecido ou um pano, uma tela iridescente, um efeito ou sensação, uma variável mutante. É uma cor que muda de tonalidade consoante a incidência da luz, um dos quatro cânones de pintura do Renascimento.

Se já tiveram a ocasião de ver a exposição, não tomem estas palavras como uma justificação. Se ainda não a viram, aproveitem do que aqui vos deixo escrito. Trabalhar com uma colecção, como sabem, é um *timeo danaos*<sup>2</sup> que por uma espécie de contrapasso ideológico está ligado ao fim de algo e não ao início de algo mais.

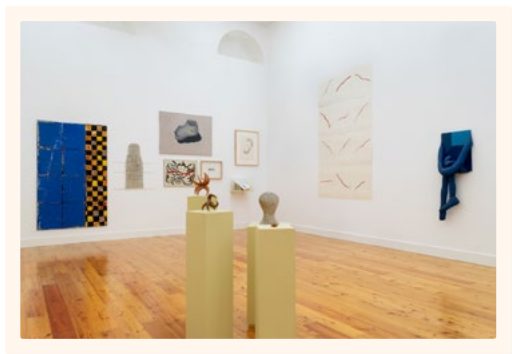
Explico-me.

Enquanto ponderava as dificuldades e variáveis discursivas associadas às obras heterogéneas ao meu dispor, comparando as leituras das notas tiradas sobre os núcleos da colecção, ter-me-á ocorrido em um dado momento, rememore do trabalho de Ana Hatherly entre a palavra e a imagem, estabelecer um caminho intermédio para reduzir a escolha das obras à suavidade da dicção, à lucidez de significado e à propriedade de sentimentos.

Qualquer exposição que se apresente é como um cavalo de Tróia, devido à sua natureza dupla de objecto material e mental. No meu entender, *Cangiante* age como tal, e insinua pensamentos que se encontram silenciosamente aninhados nas obras para chegar pouco a pouco ao coração da cidadela inimiga — metaforicamente falando. Mas quantos e quais os pensamentos encontrarão o caminho para esse lugar íntimo?

---

2 *Timeo danaos et dona ferentes*, são as palavras que Virgílio atribui a Laocoonte para dissuadir os troianos de introduzirem na cidade o cavalo de madeira deixado na praia pelos gregos. (Virgílio, Eneida, II, 49).



Vista da exposição *Cangiane*,  
Centro de Arqueologia e Artes  
de Beja, 2021  
Foto por Joana Hintze  
Cortesía da autora

Um hipotético visitante poderá nem reparar nas obras, por aborrecimento ou suspeita, e os pensamentos armados pela Ana Manso e Dayana Lucas em diálogo com os outros artistas, morreriam de fome ou de asfixia na barriga do cavalo. Ou ao contrário, este hipotético visitante poderá ver a exposição, e as obras que a pontuam, mas encontrá-las vazias, sem significado. Os acordes que *Cangiane* tocou em mim, que me levaram a fazer o que está aqui à vista, quiçá permanecerão imóveis, sem alguma reverberação ou, pelo contrário, os pensamentos sairão deste hipotético visitante — muitos ou poucos, quem sabe — e irão mover-se como uma falange unida. Porventura, pela sua natureza, estes pensamentos irão dispersar-se cada um percorrendo o seu caminho sináptico e procurando outras associações de sentido. Nada melhor, neste momento, do que escreveu Alejandra Pizarnik:

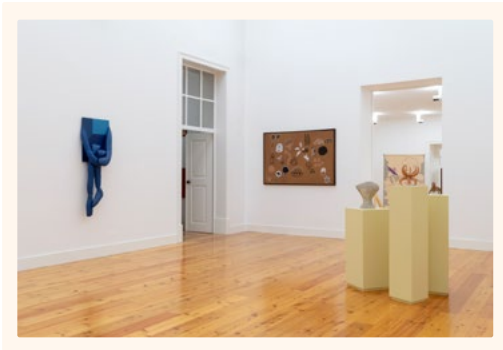
*Se não entendo,  
se volto sem entender,  
saberei o que é  
não entender.*<sup>3</sup>

---

3 PIZARNIK, Alejandra, *Poesía completa*, Lumen, 2016.

E é disso que se trata. Qualquer que tenha sido a ideia *prima* por trás da obra, ela exprime a audácia, a resiliência, o prazer, a exultação do pensamento para quem fazer arte é uma viagem, uma paisagem deslumbrante varrida pela luz, um jogo de associações e gestos.

Alguns detalhes na montagem alcançam uma leveza caprichosa que a beleza das obras contorna com elegância e suprema *sprezzatura*. Mas preparem-se porque a lista é longa: a pintura do gato com laço vermelho de Lourdes Castro, um auto-retrato de Gaëtan, uma tela-escultura de Helena Almeida, o *Pé* de José Loureiro, pinturas a óleo de Ana Manso, a *Metamorfose II* de Ana Hatherly, João Paulo Feliciano, Jorge Barradas, pequenas esculturas de Jorge Vieira, o livro *Ambivalências preguiçosas* de Susanne Thémlytz, *The Ant Song* de Ana Jotta, desenhos feitos com sangue de dragoeiro pela Dayana Lucas, *Padrão e partenaire* de João Penalva, uma pintura de Joaquim Rodrigo, coabitam na mesma sala, muitas delas até na mesma parede, numa contraditória e orgulhosa euforia.



Vista da exposição *Cangiente*,  
Centro de Arqueologia e Artes  
de Beja, 2021  
Foto por Joana Hintze  
Cortesia da autora

A exposição vive da imediatez, da intuição, da constante procura da forma para expressar uma emoção e tentar fixar a luz, o ar e o vento. *A sua forma é o momento*<sup>4</sup>, recorrendo uma vez mais às palavras preciosas de Ana Hatherly.

Os panos às riscas horizontais de Eduardo Nery, de uma tecelagem muito artesanal em algodão semelhante às chamadas mantas de trapos, são usados para sinalizarem o percurso ao mesmo tempo que as pinturas verticais de Ana Manso, entre a abstracção e semelhanças apropriadas da natureza, harmonizam e espelham relações que tudo unem.

As obras alternam-se, glosam, combinam-se, dão ritmo, interferem umas com as outras, por vezes chocam.

Passamos por várias salas, por vários artistas, prosseguimos por associações relâmpago não menos audaciosas das que já encontramos. Surgem lascas de memória e visões do passado, Jorge Queiroz e António Dacosta; líricos da sociedade com ou sem gramática partilhada, Edgard de Souza e Álvaro Lapa, Marepe e as *Palmeiras* de René Bertholo. Eis um desenho de Pedro Calapez nunca mostrado antes. Parece um vulcão, uma cratera, uma árvore cortada e cavada no seu interior cujo fundo, com a luz, fica da cor da prata.



Vista da exposição *Cangiente*,  
Centro de Arqueologia e Artes  
de Beja, 2021  
Foto por Joana Hintze  
Cortesia da autora

4 Hatherly, Ana, *Um calculador de improbabilidades*, Quimera, 2001.

Algumas das obras funcionam como painéis, vedam ou enquadram espaços, afunilam o olhar, escondem coisas. Caso disso são as *Sombras brancas I, II e III* de Lourdes Castro e um lençol bordado em fio azul de Ana Jotta.

Dayana Lucas suspende do teto duas linhas curvas saídas dos seus desenhos para a tridimensionalidade. *Duelo* é um *a priori* mnemónico: duas varas de ferro afiadas nas suas pontas se encontram na esquina da sala de entrada, uma mais acima e outra mais abaixo, criando um clima de inebriante incerteza.

Entre objectos dissecados e temporalidades desconstruídas, dois trechos de um mural de Ana Manso em pastel, a representar um banco para sentar de um palacete senhorial — provavelmente do século XVI — são o desejo por tudo o que é alto como os ciprestes, tudo o que é longo como os rios, e tudo o que é roxo como o crepúsculo.



Vista da exposição *Cangiante*,  
Centro de Arqueologia e Artes  
de Beja, 2021  
Foto por Joana Hintze  
Cortesia da autora

Quiçá *Cangiante* seja um stratagema atravessado por forças vitais que eventualmente — embora nem sempre com sucesso — consiga ser reconhecido e dominado. E talvez o cavalo de Tróia não tenha sido um cavalo, mas sim um navio, como tem vindo a ser afirmado nos últimos anos.

O mal-entendido milenar nasceria de um erro na tradução dos textos depois de Homero<sup>5</sup>. Brilhante!

Em suma, temer os gregos, ainda que estes tragam presentes, pode ser sensato, mas isto dirá respeito apenas aos destinatários.”

Antonia Gaeta in “É um cavalo ou um barco?”, exposição *Cangiante*, Centro de Arqueologia e Artes de Beja, 2021



Vista da exposição *Eduardo F.M.*, Eduardo F.M., Verão, 2023  
Foto por Joana Garrido  
Cortesia da autora

Ao longo deste tempo, dei-me conta que os espaços expositivos na minha cidade me frustravam. Tinham muitas limitações curatoriais e não havia espaço para mostrar outro tipo de arte e outro tipo de artistas, que não respondem a determinados critérios ou não falam certas linguagens. Por isso, decidi abrir um que o fizesse. Chamou-se *Verão*. Verão, que é o futuro do verbo Ver, não é só a estação, mas também uma visão do que pode ser o futuro.

Aquilo que o *Verão* proporcionava era esta espécie de liberdade de relação com os artistas e as suas vidas criativas, algo com que eu pudesse, também, de alguma forma, colaborar. E também não se escreviam folhas de sala. Desde logo,

---

5 O artefacto feito pelos gregos para penetrar nas paredes de Tróia não era literalmente um cavalo, em grego *hippos*, mas um tipo de navio fenício que era normalmente chamado *Hippos*, equipado com uma figura característica: uma cabeça de equino.

porque eu dava liberdade total aos artistas para acabarem as montagens mesmo cinco minutos antes da inauguração das exposições, e também porque o que eu queria era, na verdade, falar diretamente com os visitantes. No *Verão*, eu abria o espaço, subia um andar de escadas (porque a campainha não funcionava) e recebia as pessoas, falando-lhes, se o quisessem, da minha maneira de ver as obras e a exposição. Aquilo que eu estava a tentar criar era uma relação muito mais íntima e de proximidade com quem viesse visitar o espaço, e não apenas a oferecer um papel para as pessoas levarem, acabando, eventualmente, no lixo.



Vista da exposição *OBI LÍ*,  
Jacira da Conceição, *Verão*, 2024  
Foto por Joana Hintze  
Cortesia da autora

Por isso, se tiverem um bom vão de escada e quiserem acolher um projeto, digam-me.

A sorte, aqui, entra sob vários aspetos: é uma sorte construída, uma sorte que se constrói. Eu construo a minha sorte, não é um acaso. É algo que começa no cuidado e na atenção para com o outro. E a curiosidade faz com que a sorte seja mais frutuosa. É desta sorte que vos estou a falar, de uma sorte que é empenho, construção constante, erro, voltar atrás, voltar a insistir, uma resiliência contínua — é esta sorte, dos encontros e das relações, do respeito pelo trabalho dos outros.

E nisso tenho mesmo muita sorte.

Todo o meu trabalho é um eterno retorno. Estou sempre em rotação, sempre a voltar ao mesmo, sempre a reinventar também, numa espécie de continuidade. Mesmo que faça algo muito disruptivo para os olhos de outros, na verdade, é só uma continuação deste caminho, deste meu modo de operar.



Vista da exposição  
*Talismán Cabeza De Piedra,*  
Valéria Maculan, Verão, 2022  
Foto por Joana Hintze  
Cortesía da autora

“A tua cara já foi a consequência de um sonho.  
Esperei, esperei. Alternei a prosa com o choro, silêncios ruidosos  
e pena de mim mesma.

Olhar para dentro não foi fácil.  
Abandonei todo e qualquer excesso de seriedade e lucidez.  
Comecei a rir: escrevia e ria, lia e ria, punha desconfortável  
quem me fizesse frente.  
Tomei para mim tudo o que não me era permitido e entreguei-me  
à luxúria do artifício.

Enquanto recupero o fôlego, sentada ao lado da figueira, observo  
as folhas que caem, cheiro o tronco, anseio os seus frutos.  
Vou começar por onde?

Conduzo o caminho das formigas, agrando os orifícios na terra;  
deixo que aí depositem o esforço todo.  
Depois tapo os buracos e rio da inutilidade e da grandeza.

Ai, que solidão.  
Que sensação difícil de verbalizar.



Vista da exposição *Hilda*,  
Lúcia Prancha,  
Pavilhão Branco, 2025  
Foto por Bruno Lopes  
Cortesia da autora

Devassa, deslumbrante, não linear,  
sou palavra cuspidada, carne que delira, sou rastro de saliva  
no vidro.  
Não há nada que me baste.  
Não há nada que me contenha.

Vamos, vamos ver a noite.

Confesso que não queria chegar a tanto,  
mas num exercício contínuo de cadência de palavras, comecei  
a aquietar-me.  
Escrever sempre foi o meu labor.  
Para trás e para frente, amarrada às folhas, ao informe disforme,  
encolho, dissimulo a imobilidade, quero a eternidade, acredito  
em tudo, sou feliz.

Eu sou a que sou, a que não se explica, a que se revela na penumbra do silêncio, na sombra do desejo<sup>6</sup>. Eu quero o que não posso ter, quero o que me escapa, quero o que me destrói<sup>7</sup>.

A chuva já dura há muito tempo, assim como a minha resiliência, entre afloramentos rochosos e o fim de vida das árvores. Embriagada da vida granulosa, das alegrias do corpo, ponho o dedo na boca e fico a aguardar.

Agora estou certa do que foi ontem, do que foi o desabrochar de uma flor, dos meus cabelos ao vento.

Eu fico mais leve.



Vista da exposição *Hilda*,  
Lúcia Prancha,  
Pavilhão Branco, 2025  
Foto por Bruno Lopes  
Cortesia da autora

Bebo pausadamente: um gole, uma longa pausa, uma gargalhada, outro gole.

O líquido desce pela garganta feito corpo.

Estremeço na brevidade de um toque.

---

6 Hilst, H. (2018). *A Obscena Senhora D. Da prosa*. São Paulo: Companhia das Letras, [1982].

7 Hilst, H. (1983). *Cantares de Perda e Predileção*. São Paulo: M. Ohno / M. Lídia Pires e Albuquerque

Como me custa dizer o que vou dizer:  
nessa primavera precoce o meu coração continua exposto;  
transpiro e teimo sem perguntar se é certo ou não.  
Não há mulher livre que não seja meu parentesco.

Olho-me ao espelho.  
A minha introspecção é transitória e sublime,  
um brusco e quase sempre inesperado desajuste.  
Por vezes fatico em distinguir a realidade da percepção,  
em encontrar a presença divina na natureza, na luz radiante  
ou na esperança.

Ponho fim ao dia.

Um pouco de cada.  
Volto sempre.  
Durmo mal.  
Sonho em excesso.  
Acordo exausta e sigo.

Sou feita de respiração e matéria.  
Funciono como corrente contínua,  
jogadora cheia de confiança, mas com as fichas a escapar-me  
das mãos.  
Não recuo.

Uma sanfona em cima dos joelhos,  
olho para frente sem nada ver.  
Abraça-me.”

Antonia Gaeta in exposição *Hilda*, Galerias Municipais, Pavilhão Branco, 2025



Montagem da exposição  
*Ana Vieira: Cadernos de Montagem*,  
Centro de Arte Oliva, 2024  
Foto por Daniel Costa  
Cortesia da autora

Acho que o meu compromisso é com a arte e com as pessoas. Quando feito com o coração, acredito que o trabalho curatorial pode realmente fazer alguma diferença, e pode também dar um sentido à vida. Nunca me vi de outra maneira. Na verdade, mesmo que eu faça imensas coisas, para mim, tudo é um trabalho curatorial. A madeira é um trabalho curatorial. Tenho o mesmo carinho pelos objetos que faço — camas, mesas, roupeiros, cozinhas, chão — como por uma exposição. A escolha dos materiais, os acabamentos, o cuidado que ponho na madeira, também o ponho na curadoria. É só a continuação do que estou a fazer.

**Escritas : Manifestos** principiou, em 2022, por uma colecção de cadernos compilando a tradução de entrevistas e escritos de artista, documentos actualmente em depósito no acervo da biblioteca da ESAD.CR. Nesse mesmo ano lançamos o primeiro caderno com texto original *Poesia para uma Revolução (im)possível (fragmentos sobre os tempos múltiplos do Manifesto)*, de Rodrigo Silva. Em 2025, retomamos estes cadernos que se organizam em duas linhas editoriais: a transcrição e edição de aulas abertas ministradas por convidadas.os e a publicação de textos-manifestos originais redigidos por colegas de variadas áreas de estudo e cursos leccionados pela ESAD.CR.

**Escritas : Manifestos** reúne materiais coligidos na preparação de aulas, ensaios ou esboços para conferências, ou comunicações que não foram ainda alvo de edição, tal como resultados da investigação prática ou teórico-prática realizada no campo do Design e da Arte.

#### **Coordenação editorial**

Isabel Baraona e Miguel Ferrão

#### **Design e paginação**

Rosa Quitério

#### **ISSN**

2795-5907

Caderno n.º 12

Publicado em abril de 2026

<https://lida.pt/>

Esta investigação foi financiada por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UID/05468/2025

APOIOS



Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia



Laboratório  
de Investigação  
em Design e Arte  
ESAD.CR - Universidade de Leiria



POLITÉCNICO  
DE LEIRIA  
ESCOLA SUPERIOR  
DE ARTES E DESIGN

# ESCRITAS : MANIFESTOS

CADERNO N.º 12

APOIOS



Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia



Laboratório de Investigação em Design e Artes  
LI DA



POLITÉCNICO  
de LEIRIA  
ESCOLA SUPERIOR  
de ARTES e DESIGN